

LOUIS ALTHUSSER E O TEATRO TEÓRICO DA INTERPELAÇÃO. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA MARXISTA ENTRE METÁFORAS E CONCEITOS.

Noêmia Amélia Silveira Fialho¹

Marco Rampazzo Bazzan²

231

Resumo

Este artigo questiona a cena teórica da interpelação policial que Louis Althusser introduz no ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* com o objetivo de descrever o funcionamento da ideologia. Na primeira parte, apresenta-se a tese de que a interpelação, enquanto teatro teórico, constitui uma figura de uma teoria descritiva, com base nos ensaios publicados em *Por Marx*, na *Introdução a Ler O Capital* e no ensaio publicado no número 151 da revista *La Pensée*. Em um segundo momento, o artigo investiga a singularidade da cena teórica da interpelação, relacionando-a à teorização do teatro materialista nos ensaios sobre *Il Piccolo* de Bertolazzi e nos escritos sobre Brecht. Destarte, estabelece-se um paralelo entre os efeitos que esse teatro busca produzir nos espectadores e aqueles que o ensaio de 1970 almejava gerar em seus leitores por meio de suas *Notas para uma Pesquisa*. Esse paralelo sugere a necessidade da filosofia materialista como prática que traça continuamente linhas de demarcação entre o científico e o ideológico.

Palavras-Chave: Althusser; Ideologia. Interpelação; Filosofia marxista; Teatro materialista.

LOUIS ALTHUSSER AND THE THEORETICAL THEATRE OF INTERPELLATION. AN INTERROGATION OF MARXIST PHILOSOPHY BETWEEN METAPHORS AND CONCEPTS.

Abstract

This article questions the theoretical scene of police interpellation that Louis Althusser introduces in his essay *Ideology and Ideological State Apparatuses* with the aim of describing how ideology works. In the first part, it presents the thesis that interpellation, as a theoretical theater, constitutes a figure of descriptive theory, based on the essays published in *Por Marx*, the *Introduction to Reading Capital* and the essay published in issue 151 of the journal *La Pensée*. Secondly, the article investigates the singularity of the theoretical scene of interpellation, relating it to the theorization of materialist theater in the essays on *Il Piccolo* by Bertolazzi and in the writings on Brecht. Thus, a parallel is established between the effects that this theater seeks to produce in spectators and those

¹Bacharel em Direito formada pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV), mestra e doutoranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem interesse na área de filosofia política e experiência de pesquisa em temas como Marx e marxismo, especialmente em Louis Althusser. E-mail: noemiasilveira.fialho@edu.ufes.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5452-0683>

² Departamento de Filosofia-CCHN UFES. Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Materialistas (LPM). Este trabalho está vinculado ao projeto de extensão do Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Materialistas (LPM), financiado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFES. E-mail: marco.bazzan@ufes.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1194-8289>

that the 1970 essay sought to generate in its readers through its *Notes for Research*. This parallel suggests the need for materialist philosophy as a practice that draws the demarcation-lines between the scientific and the ideological.

Keywords: Althusser; Ideology; Interpellation; Marxist philosophie; Materialistic Theater.

Introdução

Em uma nota, os editores da revista "La Pensée" ressaltam o pedido de Louis Althusser para acrescentar "Notas para uma pesquisa" ao título de seu ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. O ensaio publicado no 151 número da revista mencionada é composto por dois extratos de um manuscrito que seria publicado postumamente sob o título *Sobre a Reprodução*. A pesquisa em questão pretendia avançar no caminho traçado por Marx e Lenin no que diz respeito à teorização do Estado como máquina ou aparelho. Pois, Althusser considera a teorização marxista-leninista tanto do Estado quanto da relação entre infraestrutura e superestrutura como partes de uma "teoria descritiva".

Ao escolher esse termo, o filósofo francês chama a atenção sobre o uso decisivo de metáforas no que diz a respeito da descrição de objetos teóricos, e sobre os efeitos delas nos leitores. Contudo, ele esclarece que essa escolha não testemunha nenhuma "intenção crítica". Pelo contrário, Althusser (2008, p. 261) argumenta que "as grandes descobertas científicas não podem deixar de passar pela fase que designamos por 'teoria descritiva'". Essa fase descritiva é, portanto, necessária enquanto propedêutica ao estabelecimento de uma teoria propriamente dita, pelo menos no que se refere à ciência das formações sociais. Sendo assim, a teoria descritiva é "transitória e necessária" na medida em que, por um lado, constitui "o começo sem retrocesso da teoria"; e pelo outro, exige "um desenvolvimento da teoria que supere a forma da 'descrição'" (Althusser, 2008, p. 261).

Tratando-se de Althusser, essa contradição não pode a não ser sobredeterminada pelas conjunturas nas quais essas notas para uma pesquisa se inserem. Vale a pena lembrar de que a menção "notas para uma pesquisa" acompanha também o título de outro ensaio fundamental do filósofo francês: *Contradição e Sobredeterminação*. Em geral podemos considerar que todas suas contribuições desse período (década de 1960) podem ser entendidas como notas para uma pesquisa fundamental, que é orientada pela tese do corte epistemológico de 1965, e que tem como objeto principal a especificidade da filosofia marxista.

A segunda parte do ensaio de 1970 aborda a questão da ideologia, desenvolvendo uma tese já presente no quarto parágrafo do ensaio *Materialismo e Humanismo*. Como destaca Étienne Balibar (2005, p. X) a noção althusseriana de ideologia não muda significativamente

ao longo do tempo, contudo ela se distancia das definições marxianas. Longe de constituir a consciência do ser histórico ou a inversão das condições materiais de existência, em Althusser, a ideologia designa “a forma de consciência e inconsciência (do reconhecimento e desconhecimento) na qual os indivíduos vivenciam no imaginário as suas relações com suas condições de existência” (Balibar, 2005, p. X). Um acréscimo específico do ensaio de 1970 é justamente constituído pela enfatização da materialidade ou existência material da ideologia e seu vínculo com a categoria de sujeito, teorizando seu funcionamento por meio da figura da interpelação dos indivíduos em sujeitos concretos. Althusser sustenta que essa “interpelação pode ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: ‘psiu, você aí!’” (Althusser, 2008, p. 286). E essa ilustração constitui uma “cena” ou “teatro teórico” (Althusser, 2008, p. 256-260).

Diante do exposto, este artigo busca então questionar a metáfora da interpelação — isto é, a cena teórica — enquanto um elemento que caracteriza a teoria descritiva em relação à “teoria propriamente dita”; e a relação entre a teoria descritiva e a filosofia. Num segundo momento analisa a significação de “cena teórica” a partir da teorização do teatro materialista destacando seus efeitos no público.

233

Sobre a relação entre teoria descritiva e filosofia marxista

Em *Hoje*, ensaio introdutório ao *Por Marx*, Althusser (2015a, p. 22) destaca como tarefa de sua geração a determinação da “diferença específica” da filosofia marxista. E define a instituição de um círculo como “indispensável” para a compreensão de Marx (Bazzan 2019). Trata-se do “círculo dialético da pergunta feita a um objeto sobre sua natureza, a partir de uma problemática teórica que, pondo seu objeto à prova, se põe à prova de seu objeto” (2015a, p. 28-29). Sua pesquisa sobre Marx procura articular a questão epistemológica do materialismo dialético, enquanto ciência da história, com a questão de uma filosofia “capaz de dar conta das formações teóricas e de sua história” (Althusser, 2015a, p. 29).

Para cumprir essa missão, a “leitura culpável” (enquanto filosófica) proposta em *Ler O Capital* examina a “diferença específica” do objeto d’*O Capital* em relação, por um lado, ao da chamada “economia clássica” e, por outro, ao da filosofia (ideológica) dos *Manuscritos de 1844*. Essa dupla “diferença específica” fundamenta retroativamente a tese do “corte epistemológico”, enunciado no *Por Marx*. Destarte, Althusser apropria-se da expressão cunhada por Gaston Bachelard, com o objetivo de descrever como Marx construiu a crítica da economia política a partir de uma cisão com seus próprios escritos anteriores (os do chamado

"Jovem Marx"). Por "corte epistemológico", Althusser entende, em Marx, a mudança da problemática teórica com base na fundação de uma nova ciência (1979a, p. 24). Nessa perspectiva, a especificidade da problemática de Marx residiria no fato de que, nele, a fundação da história como ciência tende a se confundir com a revolução teórica praticada dentro da filosofia (Althusser, 1979a, p. 24). Assim, a ambição de Althusser passa a ser a de "salvar" a filosofia marxista dessa confusão e, sobretudo, de seus efeitos revisionistas ou dogmáticos sobre o marxismo dialético.

Nessa ótica a questão da leitura de Marx e da filosofia marxista coincidem: Pois,

A teoria que permite ver claramente em Marx, distinguir a ciência da ideologia, pensar a diferença destas em sua relação histórica; pensar a descontinuidade do corte epistemológico no contínuo de um processo histórico; a teoria que permite distinguir uma palavra de um conceito; distinguir a existência de um conceito pela função de uma palavra no discurso teórico; definir a natureza de um conceito por sua função na problemática, e, portanto, pelo lugar que ela ocupa no sistema da “teoria” - essa teoria que é a única a permitir uma autêntica leitura dos textos de Marx, uma leitura ao mesmo tempo epistemológica e histórica, não é efetivamente senão a própria filosofia marxista (Althusser, 2015a, p. 29)

234

Com base nessa orientação, a questão é, portanto, entender o que seria uma “teoria descritiva”, expressão que, em 1970, Althusser escolhe para caracterizar a teoria do Estado presente em Marx e Lenin, e sua relação com a filosofia materialista. Vale lembrar que Althusser usa significativamente o termo descrição já em *Contradição e SobreDeterminação (Notas para uma pesquisa)*. Ao identificar “a especificidade da contradição marxista” enquanto sobreDeterminação, ele (2015b, p. 83) levantava “a questão de saber como a concepção marxista da sociedade pode se refletir” nela. Pois, sem mostrar “o vínculo necessário que une a estrutura própria da contradição em Marx à sua concepção da sociedade e da história” essa categoria permaneceria “descritiva, logo contingente – por conseguinte, como toda descrição, à mercê das primeiras ou das últimas teorias filosóficas a chegar” (Althusser, 2015b, p. 83).

Em 1970 Althusser (2008, p. 259-260) sustenta que a teoria descritiva é “transitória e necessária para o desenvolvimento da teoria” e que marca o início do percurso teórico. Ao mesmo tempo, ele destaca que é igualmente fundamental que supere o formato de descrição para que ela possa continuar evoluindo (Althusser, 2008, p. 260). Nesses termos, a teoria descritiva é provisória, enquanto válida sob determinadas circunstâncias ou contextos de entendimento. Sua validade deve ser sempre reafirmada mediante uma revisão constante o abre à teorização da filosofia em *Lenine e a Filosofia*.

No entanto, a teoria descritiva permanece propedêutica, porque essencial ao estabelecimento de toda teoria científica. Ora, como no caso da sobredeterminação, também a teoria marxista do Estado foi verificada historicamente pela prática política e é exata na medida em que dispõe a maioria dos componentes essenciais para o desenvolvimento de uma teoria propriamente dita sobre esse objeto (Althusser (2008, p. 260). Contudo, Althusser adverte o seu leitor que a superação da fase descritiva não ocorre pela simples acumulação de fatos, já que

No entanto, a teoria descritiva do Estado representa uma fase da constituição da teoria que exige a “superação” dessa fase. Com efeito, é evidente que se a definição em questão nos fornece matéria para identificar e reconhecer os fatos de opressão relacionando-os com o Estado, concebido como aparelho repressor de Estado, essa “relacionação” dá lugar a um gênero de evidência muito particular, a que teremos oportunidade de nos referir, daqui a pouco: “sim, é exatamente assim, é realmente verdade!...”. E se a acumulação de fatos sob a definição do Estado multiplica sua ilustração, não faz progredir realmente tal definição, isto é, sua teoria científica. Assim, qualquer teoria descritiva corre o risco de “bloquear” o desenvolvimento – no entanto, indispensável – da teoria. (Althusser, 2008, p. 260).

Para alcançar a teoria “propriamente dita” sobre o Estado como aparelho de opressão é preciso um acréscimo qualitativo na forma de um deslocamento ou mudança da problemática teórica que conecte de outra forma os elementos conceituais presentes na teoria descritiva. Neste sentido, a problemática funciona como um modo de produção. Ou seja, a mudança de problemática procede de maneira semelhante a uma transição entre modos de produção reorganizando os elementos presentes no estádio anterior.

No que diz a respeito da teoria marxista do Estado, Althusser (2008, p. 261) aponta que: “para desenvolver essa teoria descritiva em propriamente dita [...], é indispensável acrescentar algo à definição que os clássicos do marxismo-leninismo apresentam do Estado como aparelho de Estado.”. Para isso as “Notas para uma pesquisa” de 1970 propõem a noção de “Aparelhos Ideológicos de Estado” que Althusser elabora dialogando com Antônio Gramsci (Morfino 2016) com o objetivo de determinar o que garanta a reprodução das forças de produção na sociedade burguesa capitalista.

Esse acréscimo é relacionado à superação da metáfora do edifício que Marx propõe para descrever a relação entre estrutura e superestrutura na Introdução à *Crítica da economia política* de 1857. A esse respeito Althusser argumenta que

a grande vantagem [...] da metáfora espacial do edifício (base e superestrutura), consiste, simultaneamente, em fazer ver que as questões de determinação (ou de índice de eficácia) são capitais; em fazer ver que é a base que determina em última instância todo o edifício; e por consequência, em obrigar a formular o problema teórico do tipo de eficácia “derivada” próprio da superestrutura, isto é obrigar a pensar

o que a tradição marxista designa pelas expressões conjugadas de autonomia relativa da superestrutura com à ação de retorno da superestrutura sobre a base. (Althusser, 2008, p. 259)

Isso posto seu “inconveniente” é permanecer na fase “descritiva”. Assim Althusser sustenta que seria “desejável e possível representar as coisas de outra forma”. Isso não para recusá-la, senão para “pensar o que ela nos fornece sob a forma de uma descrição”. Esse acréscimo é possível quando “nos situarmos no ponto de vista da reprodução”. Essa mudança de ponto de vista representa uma mudança de problemática na medida em que permite esclarecer “várias das questões cuja existência era assinalada pela metáfora espacial do edifício, sem que lhes tivesse sido dada uma resposta conceitual” (Althusser, 2008, p. 259).

Esse deslocamento da questão da descrição metafórica do Estado como aparelho repressor para a problemática da reprodução determina um progresso na definição de uma teoria propriamente dita sobre esse objeto teórico. Pois a problemática teórica conecta os elementos já presentes na descrição sob a forma do conceito científico a partir de uma questão que não se havia ainda manifestado de forma pertinente, ou que aparece na forma de uma ausência determinada, o que indica a exigência de uma nova conceituação, isso é a superação de uma fase ainda descritiva da teoria em questão.

Para entender essa passagem vale a pena considerar o ensaio “De ‘O Capital’ à filosofia de Marx” em que Althusser menciona o prefácio do segundo livro d’O Capital para enfrentar a seguinte colocação de Engels

236

Priestley e Scheele haviam encontrado o oxigênio, mas não sabiam o que tinham em mãos. “Continuavam presos a categorias” flogísticas, “tal como as haviam encontrado já prontas”. Em suas mãos, o elemento que derrubaria toda a concepção flogística e revolucionária a química estava condenado à esterilidade. Mas tendo Priestley comunicado em Paris seu descobrimento a Lavoisier, este se pôs a investigar toda a química flogística à luz desse novo fato, até descobrir que o novo tipo de ar era um novo elemento químico; que, na combustão, não é o misterioso flogisto que *escapa* do corpo ignescente, mas que é esse novo elemento que *se combina* com o corpo que queima, e, desse modo, pôs de pé a química inteira, que, em sua forma flogística, estava de cabeça para baixo. (Engels, 2014, p. 102)

Althusser considera as palavras de Engels para entender o que está em jogo numa mudança de problemática

O que pois, está em equilíbrio nesse acontecimento instável de aparência local é uma possível revolução da antiga teoria, portanto, da antiga problemática *em sua totalidade*. Com isso, colocamo-nos diante desse fato, peculiar à própria existência da ciência: ela só pode formular problemas no terreno e no horizonte de uma estrutura teórica determinada, sua problemática, que constitui a condição de possibilidade determinada absoluta, e, pois, a determinação absoluta das *formas de colocação de*

todo problema, num momento considerado da ciência (Althusser, 1979a, p. 24, grifos nos original).

Assim sendo, a maneira singular como o problema é colocado dentro da estrutura teórica tem efeito sobre seu estatuto científico. Numa nota de rodapé Althusser destaca toda a relevância da consideração de Engels a respeito da compreensão da especificidade da contradição marxiana para além da imagem da inversão da dialética hegeliana que constitui o objeto de análise de *Contradição e SobreDeterminação*

Se me permitem aqui lembrar uma experiência pessoal, gostaria de dar dois exemplos precisos dessa presença *em outro lugar* na obra de Marx, ou de Engels, da questão ausente da sua resposta. Cheguei, à custa de uma reflexão que devo confessar laboriosa, dado que o texto que a consigna (*Pour Marx*, pp. 87 ss.) traz as marcas dessa dificuldade, a identificar na palavra *inversão* da dialética hegeliana por Marx uma ausência pertinente: a do seu conceito, e portanto, de sua questão. Laboriosamente cheguei a reconstituir essa *questão*, mostrando que a inversão de que fala Marx tinha por conteúdo efetivo uma revolução na problemática. Ora, mais tarde, ao ler o *Prefácio de Engels ao Livro II de O Capital*, fiquei estupefato ao verificar que a questão que eu tivera tanta dificuldade em formular ali se encontrava escrita com todas as letras! De fato, Engels identifica expressamente a *inversão*, e “a recolocação sobre os pés” da química e da economia política que andavam de cabeça para baixo, com uma mudança de sua “teoria”, portanto, de sua problemática. Outro exemplo: num de meus primeiros ensaios, sugeri que a revolução teórica de Marx residia, não na mudança das respostas, mas na mudança das questões, que, pois, a revolução de Marx na teoria da história tinha a ver com uma “*mudança de elemento*”, que o fez passar do terreno da ideologia para o terreno da ciência (*Pour Marx*, p. 41). Ora, ao ler recentemente o capítulo de *O Capital* sobre salário, espantei-me de ver que Marx empregava com os próprios termos a expressão “*mudança de terreno*” para exprimir essa mudança de problemática teórica. Também nesse caso, a questão (ou seu conceito) que eu tivera tanto trabalho em constituir, tendo em vista a sua ausência num ponto preciso de Marx, ele a dava com todas as letras *em outro lugar* de sua obra (Althusser, 1979a, p. 28, grifos no original).

237

A mudança de problemática como “mudança de terreno” ou plano permite entender o que está em jogo na transformação de uma teoria descritiva para uma teoria propriamente dita. Nessa passagem é decisiva a individuação de uma “ausência pertinente” do conceito como elemento próprio da teoria descritiva. A superação das metáforas ocorre individuando essa ausência determinada. Essa ausência determinada constitui, portanto, tanto a entrada dos revisionismos de matriz ideológica quanto o sinal da necessidade de um novo desenvolvimento teórico. Desenvolvimento teórico esse que será possível haver uma *verdade científica*, que possibilita que as palavras designem as próprias coisas (Althusser, 2014, p. 42).

A teoria descritiva e a Filosofia

Ao mesmo tempo a teoria descritiva enquanto início de todo percurso teórico age como uma orientação fundamental que encaminhará rumo à teoria propriamente dita, de modo que nesse trajeto seja possível identificar os elementos proto-científicos e a encarar os “obstáculos epistemológicos”³ presentes na teoria em busca de uma plena científicidade. É interessante notar que a distinção entre teoria descritiva e propriamente dita nos remete à diferenciação entre filosofia e ciência, ou entre materialismo dialético e materialismo histórico de modo que ao pensarmos em uma filosofia materialista nos deparamos com uma função de demarcação, própria da filosofia, entre o que é científico e o que é ideológico. Em outras palavras, a filosofia materialista atuando como esse momento acompanha, distinguindo-se, a formulação de toda teoria científica.

Essa compreensão nos leva diretamente à primeira proposta de materialismo dialético enquanto filosofia marxista trabalhada por Althusser em meados dos anos 1960, ou seja, filosofia como Teoria. Isso porque, o filósofo francês (Althusser, 1979b, p. 43-44) chama atenção para o fato de que o *materialismo dialético* transforma “o problema tradicional” tratado pela “teoria do conhecimento” (como é denominada pela “filosofia clássica”⁴). Ao invés da questão ser “das garantias do conhecimento”, a questão passa a ser “do mecanismo de produção de conhecimentos enquanto conhecimentos.” (Althusser, 1979b, p. 44). Consequentemente, é “[...] uma teoria da história do conhecimento, isto é, das condições reais do processo de produção do conhecimento (condições materiais e sociedade, por um lado, e condições internadas à prática científica por outro).” (Althusser, 2017, p. 34).

Sendo assim, o materialismo dialético, de acordo com Althusser (2017, p. 35), leva em consideração os elementos reais presentes na prática de produção de conhecimento para

³ A noção de “obstáculo epistemológico” é uma daquelas que Althusser toma em empréstimo de Gaston Bachelard (Gomes, 1984) Em *O futuro dura muito tempo* Althusser (1992, p. 223) (resume significativamente todo o problema da leitura do Marx na passagem seguinte: “Assim, quanto mais penetrava em Marx, mais filosofia eu lia, e mais me dava conta de que Marx pensara, sabendo-o ou não, no quadro de pensamentos de grande importância cujos autores o tinham precedido: Epicuro, Spinoza, Hobbes, Maquiavel (parcialmente para dizer a verdade), Rousseau e Hegel., E convenci-me cada vez mais de que a filosofia de Hegel e Feuerbach servirá ao mesmo tempo de «ponto de apoio» e de obstáculo epistemológico ao desenvolvimento dos seus próprios conceitos e até à sua formulação (Jacques Bidet demonstrou-o rigorosamente na sua tese recente: *Que faire du «Capital»?*, edição de Méridiens-Klincksieck), O tue naturalmente permite pôr a Marx e a propósito de Marx questões que ele não soubera ou pudera pôr, O que significava (,|Lie, se civeríamos «pensar por nós próprios» perante a assombrosa «imaginação da história» contemporânea, precisávamos por nosso turno de inventar novas formas de pensamento.), novos conceitos — mas sempre segundo a inspiração materialista de Marx para «nunca alimentamos ilusões», permanecendo atentos à novidade e à invenção da história”.

⁴ Althusser fala em “Teoria do conhecimento” se referindo, por exemplo, a “teoria das condições formais intemporais do conhecimento, do cógito (Descartes, Husserl), das formas ‘a priori’ do espírito humano (Kant), me, uma teoria do saber absoluto (Hegel).” (Althusser, 1979b, p. 43).

essa determinada produção de teoria. Nessa esteira, a posição da filosofia frente a construção do conhecimento é a de intervir em face da ideologia e em prol da prática científica. Assim, a filosofia torna-se um marcador da prática teórica, que permite diferenciar aquelas que são “[...] não científicas ou pré-científicas, as práticas da ‘ignorância ideológicas e todas as práticas com as quais está em relação [...]’” (Althusser, p. 2017, p. 35) e as científicas.

Em vista disso, somos enviados à definição de filosofia como Teoria apresentada no ensaio *Sobre a dialética materialista (da desigualdade das origens)*⁵

239

Chamaremos Teoria (com inicial maiúscula) a teoria geral, ou seja, a Teoria da prática em geral, ela mesma elaborada a partir da Teoria das práticas teóricas existentes (das ciências), as quais transformam em “conhecimentos” (a atividade concreta dos homens) existentes. (Althusser, 2015c, p. 137).

A Teoria funcionaria como um “[...] método que possa antecipar sua prática teórica assinalando suas condições formais” (Althusser, 2015c, p. 138), porque a prática teórica não é pura, inexiste “ciência totalmente nua”, a ideologia impregna as práticas teóricas de maneira que a prática teórica marxista deve passar por um processo de purificação (Althusser, 2015c, p. 139). Esse processo de purificação que passa pela “[...] incessante luta contra a própria ideologia” e que ajuda a “[...] criticar a ideologia em todos os seus disfarces, inclusive os disfarces das práticas técnicas em ciências [...]” (Althusser, 2015c, p. 139).

Logo, a Teoria participa do processo de desenvolvimento da prática teórica, indicando aquilo que está envolvido (ou involucrado) na ideologia e criando uma demarcação entre o que é ideológico ou não. Em outras palavras, a filosofia materialista pensada como Teoria assume um papel decisivo para o desenvolvimento efetivo e completo da ciência. Althusser abandonou a teorização da filosofia materialista como Teoria a partir de 1967. Essa formulação pode ser entendida como teoria descritiva da Filosofia enquanto prática.

Em suas formulações a filosofia materialista é necessária, porém suas formulações são propedêuticas e provisórias enquanto vinculadas com as contingências das conjunturas ideológicas em que elas intervêm. Então, a demarcação contínua do ideológico é uma função da filosofia e mostra o seu papel no progresso da teoria descritiva para a teoria científica. Portanto, o ideológico é um dos elementos centrais que diferencia a teoria descritiva da teoria propriamente dita. Essa diferenciação constitui, portanto, a especificidade e necessidade da

⁵Embora saibamos que existe um debate acerca de alterações na noção de filosofia elaborada por Althusser, para fins deste trabalho o recorte que fazemos está localizado em filosofia como Teoria.

Filosofia a respeito da Ciências e do progresso delas. Como Althusser escreve em *Lenine e a Filosofia*

É a filosofia materialista quem traça esta linha de demarcação para preservar a prática científica dos assaltos da filosofia idealista, o científico, dos ataques do ideológico. Podemos generalizar esta definição, dizendo que toda a filosofia consiste no traçado de uma linha de demarcação maior, por meio da qual repele as noções ideológicas das filosofias que representam a tendência oposta à sua; o risco deste traçado, portanto, na prática filosófica, é a prática científica, a cientificidade. (Althusser, 1970, p. 60-61).

Em outras palavras, para que seja possível desenvolver um conceito científico, é preciso que haja uma demarcação do ideológico, trabalho esse que é desempenhado pela Filosofia que atua, portanto, na fase da teoria descritiva.

A metáfora como elemento marcante da teoria descritiva

Trata-se agora de focar a atenção sobre o uso das metáforas na teoria descritiva e, portanto, na Filosofia. Partimos da metáfora utilizada para descrever a existência material da ideologia e a tese de que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos. Isso porque, como foi evocado, Althusser apresenta a figura da interpelação como uma metáfora e não como um conceito ou categoria. É uma metáfora em que um policial na rua diz “psiu, você aí!” (Althusser, 2008, p. 286). O filósofo francês chama essa metáfora de cena teórica.

240

Supondo que a cena teórica imaginada se passa na rua, o indivíduo interpelado volta-se. Por esse simples movimento físico de 180°, torna-se um *sujeito*. Por que motivo? Porque reconheceu que a interpelação se dirigia “realmente” a ele e que “era realmente *ele* que estava sendo interpelado” (e não outra pessoa) (Althusser, 2008, p. 286, *grifos no original*).

A cena teórica apresentada por Althusser é uma descrição de como a ideologia opera para interpear um indivíduo concreto em sujeito. Nesse caso, a metáfora funciona como uma solução para dar forma à apresentação da teoria que ainda não está formulada cientificamente.

A vantagem da cena teórica é enfatizar que o êxito da interpelação decorre do movimento físico do sujeito interpelado que se volta reconhecendo-se como tal. Esse movimento testemunha de que a interpelação se dirigia efetivamente a ele. Contudo, o limite da ilustração é a ideia de sequência temporal. Althusser (2008, p. 286) destaca que “a existência

da ideologia e a interpelação dos indivíduos como sujeitos são uma só e mesma coisa". Todo sujeito existe enquanto desde sempre já interpelado.

Tendo em vista que a metáfora faz as vezes de elemento marcante da teoria descritiva, assim como o conceito científico serve para a teoria propriamente dita, podemos nos questionar por que a metáfora ocupa esse lugar. Um caminho para pensar essa questão nos reenvia à presença da ideologia na fase teórica proto-científica, ou na teoria descritiva. Nesse sentido, precisamos retornar à definição de ideologia enquanto "relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência" (Althusser, 2008, p. 277), ou seja, o imaginário está intimamente vinculado ao funcionamento da ideologia e de sua produção de realidade social

Considerando essa relação, Macherey (2012, p. 9-20) sustenta que o imaginário é fruto da relação entre sujeito e realidade. Sendo assim, a ideologia vai reverberar no imaginário do sujeito no que tange a sua própria vida, mas não em um sentido negativo de deturpação do real, mas como um agente que é capaz de produzir uma realidade social. Balibar (2015, p. 12) enfatiza a expressão de "teatro teórico" escolhida por Althusser (2008, p. 286) para indicar os limites da metáfora da interpelação. Na cena estão envolvidas três partes: duas personagens, que são o policial e o sujeito interpelado, e o espectador, que é o leitor do texto de Althusser.

Por se aproximar de uma cena, o teatro teórico de Althusser será capaz de gozar dos efeitos ideológicos que o teatro produz no seu espectador. Essa relação entre a forma de apresentação da sua teoria e o teatro nos remete aos estudos sobre o teatro que Althusser realizou nos anos 1960, que podem ser encontrados nos ensaios *O "Piccolo", Bertolazzi e Brecht (notas sobre um teatro materialista)* e *Sobre Brecht e Marx*. Nos escritos sobre o teatro Althusser adotará a divisão entre teatro clássico e teatro materialista levando em consideração a composição de cada um e os seus efeitos, que também se dão no âmbito do ideológico e, consequentemente, do imaginário.

Em uma breve diferenciação, o teatro clássico se vincula ao imaginário por meio do reconhecimento acrítico entre o espectador e o enredo da peça teatral. Essa identificação tem um funcionamento similar ao da ideologia espontânea, especialmente no que diz respeito ao efeito especular que o teatro tem (Esslín, 1979, p. 134-135). Por outro lado, o teatro materialista alcança o imaginário de outra maneira, pois desloca o espectador de modo que inverte o efeito de reconhecimento que o teatro clássico produz, de modo que o efeito que o teatro materialista gera em seu público é a criticidade e capacidade de reflexão própria com base em uma tomada de consciência (Rosenfeld, 2012, p. 31, 34-35).

Nesse sentido, Althusser lança mão do recurso da cena teórica para apresentar a sua teoria com uma inspiração no teatro materialista levando em consideração os efeitos que o último produz em seus espectadores. Balibar (2015, p. 2) afirma que o teatro teórico funciona com o intuito de resolver as questões teóricas e apontar os objetos da teoria. Assim, Althusser tenta disputar os efeitos que a ideologia produz no imaginário dos sujeitos, porém, ao invés de reforçar os elementos da ideologia dominante, a cena teórica tenta gerar a criticidade – a mesma objetivada pelo teatro materialista – para desmarcar a constituição do sujeito da interpelação da ideologia dominante.

O recurso da cena teórica é usado para evitar criar uma argumentação contra a sujeição, mas para que seja visível aquilo que inicialmente é invisível (Balibar, 2015, p. 6). Como o sujeito está inserido na ideologia, sem sequer perceber que está assujeitado a ela, a estratégia de Althusser é evidenciar a existência da ideologia e a sujeição que ela produz ao invés de simplesmente falar contra algo que não se vê. Balibar (2015, p. 7) conclui que o teatro teórico althusseriano tende a desmontar o imaginário de modo que permita reconhecer o real e produzir um efeito sobre ele.

Com esta base, existem dois pontos que merecem ser destacados. O primeiro é que ao descrever o funcionamento da ideologia por meio da metáfora da interpelação Althusser aposta que o seu leitor terá sua capacidade crítica despertada, uma vez que a cena teórica permite que o imaginário do leitor seja demonstrado em relação à ideologia dominante, de maneira que ele seja capaz de questionar o processo de interpelação no qual ele está assujeitado. 242

O segundo é que, apesar de a metáfora não ter a força de um conceito científico, ela dá conta das necessidades de uma teoria descritiva, mais especificamente de lidar com a presença e com os assaltos da ideologia no processo de elaboração teórica. Isso porque a metáfora, a exemplo da cena teórica, é capaz de disputar o imaginário que toca diretamente na ideologia em suas formas mutantes. Logo, considerando que o papel da filosofia ou da teoria descritiva é demarcar o que é ideológico e o que é científico em prol da produção de uma ciência, o teatro teórico cumpre justamente a sua função.

Conclusão

Ao formular a tese do corte epistemológico em Marx e defender a hipótese de que ele fundou duas disciplinas, o materialismo histórico enquanto ciência da história, e o materialismo dialético enquanto filosofia, Althusser se engaja em um trabalho de compreender e desenvolver o que seria essa filosofia inaugurada por Marx e a sua relação com a ciência.

Nesse sentido, a atividade filosófica não fica exclusivamente voltada para o seu conteúdo, mas também para a maneira como será apresentada.

Quando retomamos os ensaios *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estados* e *De 'O Capital' à filosofia de Marx* encontramos uma formulação que nos permite observar que Althusser caracteriza a filosofia materialista por meio da teoria descritiva e a ciência por meio da teoria propriamente dita. Com isso, compreendemos que as metáforas ocupam provisoriamente os lugares para a definição dos conceitos científicos, que são elementos de uma teoria propriamente dita. Nesses termos, aprofundando a análise de qual o papel da filosofia materialista para Althusser encontramos uma relação entre teoria descritiva e a Teoria, de modo que elas convergem no sentido de salientar que a função da filosofia é demarcar o que é científico e o que é ideológico.

Observando a finalidade da prática filosófica, podemos dizer que a metáfora, além de caracterizar a teoria descritiva, funciona justamente para manejá-la os efeitos da ideologia presente na elaboração da teoria. Mais especificamente quanto à cena teórica apresentada por Althusser para tratar da interpelação, podemos sustentar que ela possui uma inspiração no teatro materialista, uma vez que visa atingir o imaginário do leitor, que é o que está em disputa pela ideologia. Desse modo, o leitor de Althusser ao ter contato com o teatro teórico apresentado poderá perceber não só a existência da ideologia dominante, mas também uma contra-interpelação (cf. Bazzan, 2022) para se des-sujeitar dela.

243

Referências

- ALTHUSSER, L. Conferência sobre a ditadura do proletariado. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol. 18, n. 33, jul./dez. 2014, p. 36-62.
- ALTHUSSER, L. BALIBAR, E. **Ler O Capital**. Volume I. Traduzido da edição francesa publicada em 1975 por François Maspero, de Paris, França. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979a.
- ALTHUSSER, L. Materialismo Histórico e Materialismo Dialético. In: BADIOU, Alain e
- ALTHUSSER, L. **Materialismo Histórico**. São Paulo: Global Editora, 1979b.
- ALTHUSSER, L. **O futuro dura muito tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ALTHUSSER, L. Prefácio: Hoje In: ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Tradução Maria Leonor F. R. Loureiro; revisão técnica. Márcio Bilharinho Naves, Celso Kashiura Jr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015a, p. 13-31.

ALTHUSSER, L. Contradição e Sobredeterminação: Notas para uma pesquisa. In:

ALTHUSSER, L. ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Tradução de Maria Leonor F. R.

Loureiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2015b, p. 71-92.

ALTHUSSER, L. Sobre a dialética materialista (da desigualdade das origens). In:

ALTHUSSER, L. **Por Marx**. Tradução Maria Leonor F. R. Loureiro; revisão técnica: Márcio Bilharinho Naves, Celso Kashiura Kr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015c, p. 133-182.

ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.

ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BALIBAR, E. Althusser's Dramaturgy and the Critique of Ideology. **Differences**, Providence, v. 26, n. 3, nov. 2015, p. 1-22.

BALIBAR, E. Avant-propos pour la réédition de 1996. In: ALTHUSSER, L. **Pour Marx**. Paris: La Découverte, 2005, p. I-XIV.

BAZZAN, M. Althusser et la lecture des classiques de la pensée politique moderne: Notes pour une recherche sur sa pratique. **Revista de Filosofia Aurora**, [S. l.], v. 32, n. 55, 2020, p. 157-180. DOI: 10.7213/1980-5934.32.055.AO02. Disponível em:

<<https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/25217>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BAZZAN, M. Le témoignage du compañoero presidente, **Cahiers du GRM**, 19 | 2022.

Disponível em: <<http://journals.openedition.org/grm/3422>>; DOI :

<https://doi.org/10.4000/grm.3422>. Acesso em: 30 mar. 2025.

ENGELS, F. Prefácio da primeira edição. In: MARX, Karl. **O Capital: Livro II**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

ESSLIN, M. **Brecht**: dos males, o menor. Um estudo crítico do homem, suas obras e suas opiniões. tradução Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

244

GOMES, A.P. Sobre os obstáculos epistemológicos e cognitivos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 36(4):42-48, out./dez. 1984.

MACHEREY, P. Figures of interpellation in Althusser and Fanon. **Radical Philosophy**. 173, May/Jun. 2012. p. 9-20.

MORFINO, V.o (2016) "Althusser lettore di Gramsci," **Décalages**: Vol. 2: Iss. 1. Disponível em: <<https://scholar.oxy.edu/decalages/vol2/iss1/3>>. Acesso em: 28 mar. 2025.

LOUIS ALTHUSSER E O TEATRO TEÓRICO DA INTERPELACÃO.

Noêmia Amélia Silveira Fialho / Marco Rampazzo Bazzan

ROSENFELD, A. Brecht e o teatro épico. Organização e notas Nanci Fernandes. São Paulo:
Perspectiva, 2012.

245